Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 10 de Fevereiro de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.704

Filipe Gontijo e as influências de seu mais novo longa
PÁGINA 3



Cinema nacional chega forte ao Festival de Berlim
PÁGINAS 4 E 5



Coletiva reúne artistas brasileiros e europeus
PÁGINA 7



2° CADERNO

Marian Starosta/Divulgação



Os integrantes do Pife Muderno com Edu Lobo nos bastidores da gravação de 'Edu Pife', que conta com a participação do cantor e compositor em três faixas do trabalho

Uma sinfonia do tamanho de Edu Lobo

Carlos Malta e Pife Muderno lançam um álbum com arranjos surpreendentes para as melodias de um dos maiores cancionistas brasileiros

Por **Affonso Nunes**

Nesta terça-feira (11) chega às plataformas digitais, via Biscoito Fino, o aguardado tributo do grupo Carlos Malta e Pife Muderno a Edu Lobo, um dos maiores nomes de nossa música cujas homenagens são sempre necessárias. O Correio ouviu álbum "Edu Pife" antes de seu lançamento. São 13 canções (em 12 faixas) que exploram a vasta e rica obra do compositor, multi-instrumentista e cantor, além de celebrar os 30 anos do Pife Muderno.

Malta mergulhou com profundidade na vasta discografia de Edu, tendo como ponto de partida seu compacto, lançado em 1962, para pensar a direção musical e os arranjos desse tributo. O músico conta que sempre teve uma relação íntima com a música de Edu, que fez parte de sua formação desde a infância.

"Eu tinha apenas 7 anos quando fui tocado por uma emoção inédita. Assistia ao Festival da Canção de 1967, e o jovem Edu Lobo tocava sua viola e cantava 'Ponteio'. A cada verso, eu me deixava levar pela música de um violeiro que criava melodias da mais pura fonte da música brasileira. 'Ponteio' é para mim um mapa de vida, uma carta náutica para navegar nos mares turbulentos da missão de ser músico", recorda o instrumentista. "Edu é meu mestre desde então, revelando uma estética sonora única, que mistura o tradicional e o moderno, o popular e o erudito", acrescanta Malta.

E o álbum entrega o que promete: captura a essência da grandiosa obra de Edu Lobo, que mescla elementos da música popular brasileira, bossa nova, jazz e a cultura nordestina. A começar pela divertida "Abertura do Circo", pinçada do álbum "o Grande Circo Místico" (1983), a genial parceria de Edu com Chico Buarque. A banda explora cada tema de forma a extrair o melhor das melodias de Edu Lobo. Malta conta ter aprendeu flauta ouvindo os discos de Edu. A melodia que acompanha o célebre refrão de "Ponteio" ("Quem me dera agora eu tivesse a viola pra cantar, Ponteio!") foi para Malta um mantra.

Além disso, o álbum conta com participações especiais de Hermeto Pascoal (voz no copo, percussão corporal e escaleta, em "Vento Bravo"), Jaques Morelenbaum (violoncelo em "Repente") e o próprio Edu, que faz dueto com o jovem Matu Miranda nos vocalises de clássicos "Zanzibar", "Casa Forte" e "Água Verde".

Continua na página seguinte

A tradição e modernidade **do Pife**

"A música me levou a encontrá-los (Edu e Hermeto) nos palcos e estúdios: com Hermeto, durante 12 anos, e com Edu desde 1997, em diversos projetos, incluindo a comemoração dos seus 70 anos. Agora, faço a maior homenagem que poderia fazer a ele, com o 'Edu Pife'. E seguimos juntos, em um ciclo de amizade e parceria. Ô sorte!", comemora Malta, um dos mais respeitados músicos da cena instrumental brasileira, conhecido por seu virtuosismo na flauta e pelo dom de criar arranjos inovadores.

Foi com Hermeto, um dos músicos mais admirados do mundo, que o músico desenvolveu esse ecletismo e fusão de estilos, tudo marcado pelo estudo contínuo da música.

Fundado por Carlos Malta em 1994, o Pife Muderno é um dos grupos mais inovadores e originais da cena instrumental brasileira, com sua formação ousada e minimalista, composta por dois flautistas e quatro percussionistas.

O grupo se destaca pelo uso criativo dos pífanos e flautas, com timbres que variam entre o tradicional e o experimental, e uma percussão que mistura ritmos brasileiros com outros estilos. A proposta do grupo é levar os instrumentos típicos da cultura popular, como os pífanos do Nordeste, para o contexto de uma música mais aberta e contemporânea, fundindo a tradição com a inovação.

A sonoridade do grupo, marcada por timbres surpreendentes, tanto na percussão quanto nos sopros, revela a criatividade e o entrosamento do conjunto. Andrea Ernest Dias, que toca flautas (piccolo, soprano, alto e baixo) e pífanos, é a "parelha" de Carlos Malta, que também toca saxofone soprano e triângulo. O naipe de percussão conta com Marcos Suzano (pandeiros e cuíca), Bernardo Aguiar (pandeiros, sementes), Durval Pereira (zabumba, reco-reco, pandeiro) e Fofo Black (caixa, pratos, berimbau), que estreia no grupo, trazendo a força sonora do Maranhão.

Malta levou o grupo a explorar territórios sonoros inéditos, utilizando a flauta de maneira inovadora e abrindo espaço para novas leituras de músicas tradicionais e contemporâneas. Conhecido por seu trabalho como educador e mentor, Malta tem o mérito de compartilhar sua visão musical com novas gerações de músicos, como fez num de seus mais recentes trabalhos, o álbum "Pimentinha Sessions", um tributo ao repertório de Elis Regina, com uma banda formada apenas por músicos jovens.

Marian Starosta/Divulgação



Mentor musical de Carlos Malta, Hermeto Paschoal participou da gravação do álbum em tributo a Edu Lobo

CRÍTICA / DISCO / CORTA QUEBRANTO

O som da Roça Nova

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje falaremos de "Corta Quebranto", álbum independente da banda mineira Roça Nova, integrada por Bernardo Leitão (percussão), Hector Eiterer (baixo), João Manga (bateria), Marco Maia (guitarra), Pedro Tasca (voz e violão), Tiago Croce (viola caipira e rabeca) e Thalles Oliveira (percussão). Suas 12 faixas apresentam composições e arranjos desenvolvidos em conjunto pelos músicos da banda. Para tocá-las, empunham viola caipira, rabeca e berrante de chifre, misturados a batera, guitarra e baixo. Os gêneros criados incluem congado, folia de reis, baião, salsa, ijexá, coco e funk. E para coroar, contam com as participações especiais da Banda de Pau e Corda e de André Prando.

O primeiro impacto vem com "Quebra-Coco" (João Manga), um maracatu arretado conduzido pela caixa e amparado por viola caipira e baixo. Logo a batera de João Manga se encarrega de pesar a mão e nos fazer lembrar da Nação Zumbi e Chico Science. Cantada pelo autor, rola uma letra enérgica.

"Montaña" (Pedro Tasca) também é destaque pela intenção determinada de, após passar por uma concepção nordestina, entregar-se a uma canção salseada em louvor à urgente unidade da América Latina. Com letra revolucionária em espanhol e em português, envolta por harmonia e melodia plenas de grooves e agitadas pelas guitarras, os versos cantados por João Manga açulam pela aguda reflexão: "Palabra viva (montaña)/ Te quiero como eres/ Hermosa herída (montaña)/ Un río que fluye/ Aunque mis ojos rojos/ Ay que te conquisto/ Lo que olvidamos por el oro/ Lo que te haría rico/ Hay que limpiar tu alma/ El cruce de la mata/ Lo que olvidamos por tu plata/ Ay, que nos haría pacha/ Hasta que nuestras canciones/ Y nuestras revoluciones/ Se unan como sus aguas/ Un río que fluye (...)/ Quatro palavras em volta do fogo/ Nossa bandeira, montanha vermelha/ Como o aviso de um mar revoltoso/ Liberdade antes que tarde/ Aunque mis ojos rojos/ Palabra viva, hermosa herída, te quiero como eres/ (un río que fluye, un río que fluye)/ (un río que fluye, un río que fluye)/ Toda la gente latinoamericana canta por vos, ay montaña, la misma palabra".

Divulgação



"Corta Quebranto" é um trabalho que mostra a Roça Nova fortalecendo a sua identidade musical a partir de boas ideias composicionais e concepções de arranjos. Por sua formação instrumental, nota-se o anseio pela criatividade, que costuma maturar a boa música. O que fazem de forma desabrida, sem as preocupações mercadológicas ou as concessões musicais que costumam arruinar as boas intenções, dilapidando-as sem dó. Ouça o álbum aqui.

Ficha técnica: João Manga: bateria; Hector Eiterer: baixo; Bernardo Leitão: percussão; Thalles Oliveira: percussão; Marco Maia: guitarra; Tiago Croce: guitarra; Advar Medeiros: saxofone; Rafael Souza: trompete e flugelhorn; Rick Guilhem: percussão; Henrique Villela: produção musical, mixagem e masterização.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

ENTREVISTA / FILIPE GONTIJO. CINEASTA

Divulgação



‘Em Brasília estamos abertos a tentar coisas novas’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Portando a insígnia do Clube de Regatas do Flamengo no peito como se fosse o S do Superman, Filipe Gontijo renova os vínculos do cinema brasileiro com a fantasia e as HQs, a partir deste fim de semana, ao levar às telas o premiado “Capitão Astúcia”. É raro a América Latina dar bola para vigilantes mascarados em seu audiovisual (como o Chile fez com “Mirage Man”, em 2007), mas este país, que levou o Judoka e o Doutrinador às telonas, encontrou um novo guardião dos fracos e oprimidos para lotar suas salas de exibição. Aos 44 anos, o realizador brasiliense com CEP residencial no Guará, formado pela UnB, ataca os males do etarismo pelos flancos com seu Wolverine candango.

Seu protagonista, Fernando Teixeira (de “Baixio das Bestas” e “Aquarius”), tem uma atuação em estado de graça, que foi coroada com o troféu de Melhor Interpretação no Festival de Vassouras, em 2023. Amparado numa direção de arte esplendorosa (de Lia Renha) capaz de tratar a realidade de populações anciãs com um desfile de cores, Gontijo faz de “Capitão Astúcia” uma cartografia do desamparo na terceira idade. O roteiro escrito pelo cineasta com Eduardo Gomes abre brechas para a aventura. No enredo, o músico Santiago (Paulo Verlings, em sólida interpretação) vive frustrado com sua carreira de pianista, assombrado pela fama que teve quando usava calças curtas. Obstinado em escapar de um revival na televisão, o rapaz se refugia no universo quixotesco de um avô que há tempos não via. O tal senhor – outrora ligado à indústria das revistas em quadrinhos, num trabalho como letreirista - acredita ser um combatente do crime. Encara a si mesmo como se fosse um Demolidor do DF.

Seu alter ego, Astúcia, tem até um inimigo, um Lex Luthor particular chamado Akira Laser (vivido por Yudi Tamashiro). Esse malvadão é um pianista demoníaco que solta raios.

No papo a seguir, Gontijo reflete sobre sua corajosa empreitada e fala da produção cinematográfica da capital do Brasil.

Que quadrinhos pautaram seu olhar, em sua formação, e que gibis você acompanha hoje?

Filipe Gontijo: Atualmente, tenho lido poucos quadrinhos. Às vezes, pego para ler “O Monstro do Pântano”. De nacional, a revista que eu acompanhava era a “Quase”, do pessoal que faz o Choque de Cultura, e a “Samba”. Quando eu era criança eu gostava muito de revistinha. Antes de aprender a ler, eu já ficava fissurado naquilo dos heróis poderosos, musculosos... naquela coisa do cara que voa. Eu gostava muito do Hulk e do Homem de Ferro, mas não sabia ler. Tinha uma prima, que morava lá na minha casa, e me apresentou as revistinhas da Turma da Mônica. Comecei a curtir muito o Chico Bento. Inclusive adorei esse filme sobre ele. Fiquei nessa fissura e, quando aprendi a ler, passei para a revistinha do Tio Patinhas. As revistinhas de herói eram meio caras, então eu comprava uma por mês, mais ou menos. Já na adolescência, a minha grande fissura eram os X-Men.

Qual é a mirada sobre o etarismo que “Capitão Astúcia” busca?

Esse assunto entra naturalmente no filme, mas não como bandeira. Uma vez eu, quando eu era estudante da UNB, a gente fez uma entrevista com Joel Zito Araújo (diretor de “A Negação do Brasil” e outros marcos antirracistas) e ele falava muito do filme “O Homem Que Copiava”, que tem o Lázaro Ramos. Ele falava sobre o Lázaro, negro, ser o protagonista do filme, mas a cor dele não está tematizada. Acho interessante quando a coisa vem na história e a gente consegue tratar assuntos assim “políticos”, sem ser uma coisa panfletária e discursiva.

Como você avalia a cena audiovisual de Brasília hoje?

Tínhamos na cidade uma tendência natural para o documentário, pela questão política, que existe e é forte. Apesar disso, por ser uma cidade com imigrantes de todo o país, Brasília acaba tendo um cinema bem diversificado. Um traço marcante aqui quando comparado a outros centros de produção é estarmos abertos a tentar coisas novas. Em conteúdo e em linguagem também. Não estamos presos ao “cinema de arte”, temos filmes como os da Rafaela Camelo (de “As Miçangas” e “A Natureza Das Coisas Invisíveis”) em grandes festivais, mas também temos abordagens de entretenimento puro, como os filmes do Santiago Dellape (“A Repartição do Tempo”). O cinema da cidade está conseguindo se desenvolver de forma autêntica.

Quais serão seus novos projetos?

Meu novo projeto é o “Entre Quadras”, um longa que gravamos no ano passado. Ele se comunica de alguma forma com “Capitão Astúcia”, por falar sobre amizade. Conversando com meu terapeuta, descobrimos que o Capitão Astucia é uma experiência minha de criança e o novo filme carrega uma visão mais adolescente minha. O filme se passa no começo dos anos 1990, em Brasília, uma cidade que é o centro do poder. De um lado, tinham gangues, tipo uns hooligans, chamados de “galera” na época. Todos os lugares tinham “galera”. Você não podia andar nessa cidade planejada que poderia apanhar. Será um filme sobre ser adolescente numa sociedade extremamente machista e conseguir demonstrar afeto por um amigo.



Divulgação



A Melhor Mãe do Mundo

Berlim na **batucada**

Uma delegação de 13 produções brasileiras movimenta a Berlinale, com 'O Último Azul', de Gabriel Mascaro, na briga pelo Urso de Ouro num festival que se renova

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Depois de sua maciça participação em variadas mostras de Roterdã, que fechou suas telas no domingo, o Brasil avança 13 casas no circuito dos grandes festivais internacionais: emplaca 12 filmes e uma série na Berlinale, que começa nesta quinta-feira (13), na Alemanha. Participa até da disputa pelo Urso de Ouro, com "O Último Azul", do pernambucano Gabriel Mascaro, voltando a um terreno de que andava afastado desde 2020, quando concorreu com "Todos os Mortos".

A láurea germânica já ficou com a gente duas vezes: em 1998, foi dada a "Central do Brasil", de Walter Salles (hoje no páreo do Oscar, com "Ainda Estou Aqui"), e, em 2008, o troféu coroou o olhar de "Tropa de Elite", de José Padilha, sobre a PM. Desta vez, como já é tradição no evento, o cinema brasileiro volta a ocupar variadas seções, inclusive a ala de curta-metragem e a seara das séries. A novidade agora é que vai se deparar com um Festival de Berlim reconfigurado em sua direção artística, com novos espaços de projeção e reconexões com as estéticas alemãs.

Não por acaso, um dos diretores mais importantes para o redesenho da produção germânica na conversão do cinema analógico (em película 35mm) para o digital, na década de 1990, Tom Tykwer (nascido em Wuppertal, há 59 anos) é quem vai abrir a programação desta Berlinale. Os cults "Winter Sleepers - Inverno Quente" (1997) e "Corra, Lola, Corra" (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoralidade, "Das Licht" ("The Light" ou "A Luz"), passa hors-concours como atração de abre-alas do festival, apoiado no carisma de seu astro, Lars Eidinger (de "Dying"). No drama filmado por Tykwer, uma família se aboleta num apartamento na capital alemã. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes, eles vivem em harmonia, até que a enigmática Farrah (vivida por Tala Al-Deen), recém-chegada da Síria, é contratada como governanta. Com ela, o clã chefiado por Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Eidinger) terá novas lições de empatia.

A convocação de "Das Licht" assinala a nova linha curatorial da Berlinale, confiada à americana Tricia Tuttle, que vem do BFI London Film Festival. A gestão anterior, estruturada por Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, começou em 2020 (pré-pandemia) e terminou no ano passado. O saldo da dupla foi dos mais positivos, pois reaproximou o festival de grifes narrativas há muito afastadas (como Martin Scorsese e Steven Spielberg), reconectando relações com Hollywood, estremecidas na fase final da administração de Dieter Kosslick, seu curador de 2001 a 2019.

Ao ser empossada, Tricia criou uma seção nova (Perspectivas, dedicada a estreantes) e escalou o divo estadunidense dos filmes indie Todd Haynes (realizador de "Carol" e "Segredos de um Escândalo") para presidir o júri. Ele vai avaliar as produções em competição ao lado de três cineastas (a alemã Maria Schrader, que também é atriz; o marroquino Nabil Ayouch; e o argentino Rodrigo Moreno); uma figurinista (Bina Daigeler, egressa de Munique); uma crítica de cinema (Amy Nicholson, do "Los Angeles Times"); e da estrela chinesa Fan Bingbing.

De cara, Tricia marcou dois golaços em prol da vinculação da Berlinale com a cultura pop. Seu primeiro acerto foi assegurar uma sessão de gala do aguardado "Um Completo Desconhecido" ("A Complete Unknown"), a cinebiografia do cantor, compositor e prêmio Nobel Bob Dylan, dirigida por James Mangold. Estrelado por Timothée Chalamet, o longa foi indicado a oito Oscars. O segundo (e, possivelmente, maior) acerto da curadora foi agitar uma sessão de "Mickey 17", ficção científica que marca o regresso do oscarizado realizador de "Parasita" (2019), o sul-coreano Bong Joon Ho, à direção, após um hiato de seis anos. Robert Pattinson, o atual Batman, estará em Berlim para promover essa sci-fi com jeitão de blockbuster. Pattinson vive o funcionário de uma expedição colonizadora a um planeta distante que é substituído por clones de si mesmo sempre que se desgasta.

Atenta às lutas por equidade de gênero, Tricia escolheu a atriz escocesa Tilda Swinton (de "O Quarto Ao Lado") para receber o Urso de Ouro Honorário, na cerimônia de abertura, no dia 13. A outra honraria anual da maratona cinéfila, a Berlinale Camera, fica com o diretor artístico da Deutsche Kinemathek, o pesquisador Rainer Rother.

Em meio a esses tributos, medalhões vão desfilar pelas telas do Berlinale Palast, em disputa por troféus, entre os quais o onipresente sul-coreano Hong Sangsoo (com "What Does that Nature Say to You"). Vão estar lá o americano Richard Linklater (com "Blue Moon", que tem Ethan Hawke e Margaret Qualley em cena); a francesa Lucile Hadâ,¬ihalilovic (com "La Tour de Glace",

Guilhermo Garza/Divulgação



O Último Azul

estrelado por Marion Cotillard); e o mexicano Michel Franco (com "Dreams", que tem a oscarizada Jessica Chastain no elenco). Um dos competidores mais badalados desta edição (de nº 75) é o romeno Radu Jude, ganhador do Urso dourado de 2021 por "Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental". Ele compete agora com "Kontinental '25", produzido pela RT Features de Rodrigo Teixeira, do já citado fenômeno de bilheteria "Ainda Estou Aqui". Mascaro, no certame com "O Último Azul", também entra em campo cheio de prestígio. Papou o Prêmio do Júri dos Horizontes de Veneza, há dez anos, com "Boi Neon" (melhor filme no Festival do Rio de 2015) e já esteve na Berlinale antes com "Divino Amor", em 2019.

Desta vez, ele vai se embrenhar pelas paisagens da Amazônia. Denise Weinberg e Rodrigo Santoro integram o elenco de "O Último Azul". No enredo dessa distopia, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para "desfrutarem" seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vivida por Denise), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo.

"A seleção de 'O Último Azul' para a competição principal de Berlim só reforça o quanto o Brasil é capaz de produzir um cinema forte, profundo e competitivo", diz o ator Rodrigo Santoro, no release oficial do longa de Mascaro. "É emocionante ver o cinema independente chegando tão longe, feito com garra e talento - muitas vezes, com muito pouco".

Na seara hors-concours da Berlinale, a paulista Anna Muylaert volta ao festival dez anos depois de ter exibido "Que Horas Ela Volta" (2015) por lá. Voltou lá em 2016 para lançar "Mãe Só Há Uma". Retorna desta vez com "A Melhor Mãe Do Mundo". Com ecos de "A Vida É Bela" (1998), a trama é protagonizada por Gal (Shirley Cruz), uma catadora de materiais recicláveis que luta para escapar da violência do marido Leandro, (Seu Jorge). No empenho para fugir dele, ela coloca seus filhos pequenos em sua carroça e atravessa a cidade de São Paulo. Pelo caminho, enfrenta os perigos das ruas enquanto tenta convencer as crianças, Rihanna e Benin, de que estão vivendo uma aventura em família.

A presença nacional em Berlim este ano estende-se com a participação dos filmes "Hora do Recreio", de Lucia Murat; "A Natureza das Coisas Invisíveis", de Rafaela Camelo; "Ato Noturno", de Filipe Matzembacher e Marcio Reolon; "Zizi (Ou Oração Da Jaca Fabulosa)", de Felipe M. Bragança; "Cartas do Absurdo", de Gabraz Sanna; "Arame Farpado", de Gustavo de Carvalho; "Entardecer En América", de Matías Rojas Valencia; e "Anba dlo", de Luiza Calagian e Rosa Caldeira. Passa lá ainda uma prévia da série "De Menor", de Caru Alves de Souza. Cult dos anos 1970, a coprodução germânica "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1975), com Paulo César Peréio (1940-2024) na estrada, sob a direção de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, terá sua cópia restaurada exibida no festival, na seção Forum Expanded. Na comemoração do aniversário do Forum berlinense, "Muito Romântico" (2016), de Melissa Dullius e Gustavo Jahn, terá novas exibições.

Na ala de mercado do festival (Berlinale Series Market), duas outras séries brasileiras vão buscar holofotes (e fãs):

"Reencarne", com a marca autoral do cineasta Bruno Safadi, e "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", que tem Carol Minêm e Marcelo Gomes na direção.

Em 2024, a paulista Juliana Rojas saiu da Berlinale com o prêmio de Melhor Direção da mostra Encontros por "Cidade; Campo", oxigenando o histórico de sucesso do Brasil na Berlinale, que encerra suas atividades no dia 23.

Sabrina Lantos/Sony Pictures



Blue Moon

X Film Creative Pool/Divulgação



Das Licht

CONCORRENTES AO URSO DE OURO

✱"Ari", de Léonor Serraille (França)
✱"Blue Moon", de Richard Linklater (EUA)
✱"La Cache", de Lionel Baier (Suíça)
✱"Dreams", de Michel Franco (México)
✱"Dreams (Sex Love)", de Dag Johan Haugerud (Noruega)
✱"What Does that Nature Say to You", de Hong Sangsoo (Coreia do Sul)
✱"Hot Milk", de Rebecca Lenkiewicz (Reino Unido)
✱"If I Had Legs I'd Kick You", de Mary Bronstein (EUA)
✱"Kontinental '25", de Radu Jude (Romênia)
✱"El Mensaje", de Iván Fund (Argentina)
✱"Mother's Baby", de Johanna Moder (Áustria)
✱"Reflet Dans Un Diamant Mort", de Hélène Cattet e Bruno Forzani (Bélgica)
✱"Living the Land", de Huo Meng (China)
✱"Timestamp", de Kateryna Gornostai (Ucrânia)
✱"La Tour de Glace", de Lucile Had€ihalilovic (França)
✱"O Último Azul", de Gabriel Mascaro (Brasil)
✱"What Marielle Knows", de Frédéric Hambalek (Alemanha)
✱"Girls on Wire", de Vivian Qu (China)
✱"Yunan", de Ameer Fakher Eldin (Alemanha)

Paulo-Roberto Andel

Uma tarde com Judas

A tarde calorenta para danar, mas uma compensação: passa Judas Priest na TV, um show de 15 anos atrás mais ou menos. Inevitavelmente, lembro de meu saudoso amigo Fred e todas as aventuras em que a gente se metia para conseguir discos ou mesmo gravar uma fita cassete com sons que gostávamos de ouvir.

O Judas Priest sempre foi uma potência. É uma das maiores bandas de todos os tempos e um dos gigantes do heavy metal. Engraçado, quando a gente era garoto eu lembro certa vez: estávamos numa loja onde o Fred foi comprar calça jeans na Figueiredo Magalhães e o vendedor era um cara ligado em rock, então começamos a bater papo, a falar de bandas e daqui a pouco ele começou a falar das bichas do rock, efetivamente de Lou Reed e do próprio Rob Halford.

Estou falando de 42 anos atrás, ou seja, nunca foi segredo para ninguém que o Rob Halford era gay. E daí? Ele é um dos maiores cantores de rock and roll da história, um dos maiores ícones do metal, o Judas mantém a mesma integridade profissional e respeito artístico que tinha no começo da sua carreira de quase 50 anos. Mas então percebemos que os assuntos já estavam por aí atormentando a cabeça das pessoas...

O que rolava mais na casa do Fred eram as bandas de metal e rock and roll, né? Iron Maiden, o próprio Judas Priest, Kiss, Metallica, enfim, depois rolou uma era mais pop que o Fred descobriu, comandada pelo Level 42 porque adorava o baixista da banda, Mark King, que é um senhor músico também, um verdadeiro monstro tocando contrabaixo.

Passamos tardes muito divertidas nos anos 1980. A casa era simples a gente ia para lá, se reunia porque era o único lugar que tínhamos livres, porque o Fred era o único de todos nós que tinha os pais separados e a mãe trabalhando fora de casa quase o dia todo, então o apartamento era nosso para fazer a festa, mas não tinha essa moleza de hoje, como ligar o canal fechado e assistir a exibição de uma banda. Tudo era muito mais difícil, não apareciam os shows ao vivo de rock na televisão.

Eu me lembro que até o primeiro super grande show que foi transmitido. Acho que já no finalzinho dos anos 1980 pela Bandeirantes a Band né? Quando os Rolling Stones começaram a turnê Steel Wheels, que era uma uma espécie de retomada da banda. Ao mesmo tempo, um momento em que eles começaram a usar os palcos colossais, que duram até hoje. Tinha a participação de John Lee Hooker na abertura, o Guns n' Roses. Claro aí depois com o tempo as TVs acabaram apresentando shows e festivais, mas aí é outra coisa.

Agora o tempo é outro. Já não há mais tantas grandes bandas de rock and roll por aí em plena atividade, a maioria já é de pessoas mais idosas. O final inevitável está chegando, paciência. Há pouco anunciaram que julho terá as despedidas oficiais de Black Sabbath e Ozzy Osbourne. O tempo é Implacável, os caras fizeram meio século de coisas maravilhosas, mas um dia chega a hora, vai chegar para todos. Para nossa sorte, a nossa geração de cinquentões teve a possibilidade de ver vários dos seus ídolos por muito tempo.

Diogo Melo/Divulgação



Criado para homenagear Tim Maia, o Estratégia faz de seus desfiles uma grande celebração à Música Preta Brasileira

A estratégia **é ser feliz**

Bloco celebra Wilson Simonal e os 50 anos de 'Racional', obra-prima de Tim Maia em seu desfile deste ano

Por **Affonso Nunes**

Misturando o swing dos bailes black com a força dos ritmos afro-brasileiros, o Bloco Estratégia é um dos destaques do carnaval de rua carioca. Em 2025, a festa será em homenagem a Wilson Simonal, mestre do balanço nacional, e acontece no dia 22 de fevereiro, no Largo São Francisco de Paula. Entre os clássicos no repertório do cantor que fez enorme sucesso nos anos 1960 e 1970, sucessos como "Nem Vem Que Não Tem", "Nanã", "Zazueira" e "Sá Marina" serão a senha para embalar os foliões. Este ano também marca meio século do álbum "Racional", de Tim Maia, e o bloco, que tem o cantor como seu grande patrono, vai celebrar o disco icônico com um set especial do mestre do soul brasileiro. "Que Beleza", "Guiné Bissau, Moçambique e Angola" e "O Caminho do Bem" são algumas das faixas que ganharão novas interpretações nos tambores da Bateria Cabulosa.

Outro momento aguardado do desfile é o tradicional Beijaço, quando o bloco diminui o ritmo para que casais de todos os gêneros possam expressar seu afeto ao som de músicas como "Baby 95", "Febre", de Liniker, e "Baiana", de Emicida.

A novidade do ano fica por conta da inclusão d'Os Garotin no repertório. Considerado um dos nomes mais empolgantes da música preta contemporânea, o trio chega ao desfile com "Queda Livre".

Criado em 2012 por músicos de outros blocos cariocas, o Estratégia nasceu como uma homenagem a Tim Maia e rapidamente conquistou um público fiel, reunindo cerca de 10 mil foliões a cada edição. Depois de passar por pontos históricos como a Rua do Lavradio, Pedra do Sal e Praça Tiradentes, o bloco se fixou no Largo São Francisco de Paula, onde se apresenta desde 2015.

A inspiração vem dos lendários bailes black, com um repertório focado na MPB – Música Preta Brasileira –, exaltando artistas como Jorge Ben, Bezerra da Silva, Criolo e Leci Brandão. Ao longo dos anos, já recebeu convidados de peso, como Sandra de Sá e Serjão Loroza, consolidando-se como uma referência no carnaval carioca.

Além da festa, o Estratégia tem compromisso com a formação musical e a inclusão. Desde 2014, mantém a oficina da Bateria Cabulosa, oferecendo aulas de percussão para novos integrantes. O projeto, realizado na casa Volta do Mundo e Conexões, acontece de abril a julho, no módulo junino, e de setembro ao carnaval, no módulo carnavalesco.

Desde 2020, o bloco reforçou sua vocação inclusiva, oferecendo bolsas para pessoas LGBTQIAPN+ e moradores de áreas periféricas do Rio, garantindo um carnaval mais diverso e acessível. Enquanto os integrantes regulares contribuem com uma taxa de manutenção, os bolsistas recebem isenção, ampliando o acesso à cultura e à tradição dos blocos de rua.

SERVIÇO

BLOCO ESTRATÉGIA

Desfile: 22/2, no Largo São Francisco de Paula, às 9h.

Ensaio aberto: 16/2, na Garagem Delas (Rua da Carioca, 87), a partir das 16h

Entrada franca

Fotos/Divulgação



A Ava Galleria apresenta a exposição 'Diversas Expressões' que celebra a riqueza cultural da arte reunindo artistas brasileiros e europeus



Laços artísticos que **ultrapassam fronteiras**

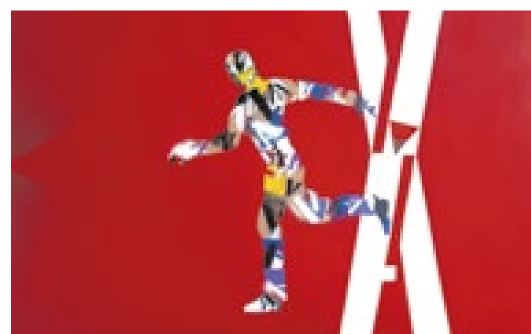
Por **Affonso Nunes**

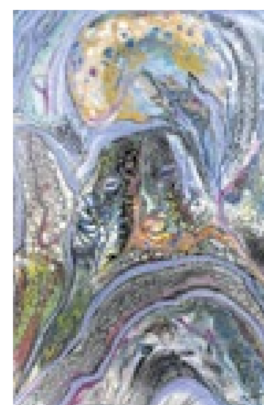
A AVA Galeria recebe a exposição "Diversas Expressões", que celebra a criatividade por meio da exploração do tema sob novas óticas. A mostra reúne obras de artistas brasileiros, finlandeses e um espanhol, com curadoria de Edson Cardoso, e passará pelo Rio, Varkaus (Finlândia) e Berlin (Alemanha).

"A diversidade cultural de cada país reflete suas histórias, tradições e valores. Ao explorarmos as culturas alemã, finlandesa e brasileira, somos imersos em um amplo leque de manifestações artísticas, que abrangem a música, a dança, as artes visuais e a literatura. Ao longo do tempo, a arte se expressou de maneiras distintas, acompanhando a evolução cultural, social e tecnológica de cada período. Desde as pinturas rupestres nas cavernas até as sofisticadas produções contemporâneas, a arte sempre foi um meio de expressão profunda e de reflexão sobre a realidade", destaca o curador Edson Cardoso.

Essa exposição faz parte de um intercâmbio cultural promovido pela AVA Galeria, que visa estreitar laços artísticos e culturais entre diferentes países. O projeto propõe uma troca rica de perspectivas, permitindo que os artistas de diferentes nacionalidades compartilhem suas visões e talentos.







A exposição faz parte de um intercâmbio promovido pela AVA Galeria, que visa estreitar laços artísticos e culturais entre diferentes países, estabelecendo uma troca rica de perspectivas

A cultura brasileira, destaca Cardoso, é um verdadeiro mosaico de cores, ritmos e sabores. "As artes visuais desempenham papel crucial, com destaque para o Modernismo e para os artistas contemporâneos que abordam questões sociais e identitárias", destalha.

"Já a cultura alemã é reconhecida por sua rica tradição musical e pelo legado de movimentos como o Expressionismo e a Bauhaus, que revolucionaram a arquitetura e o design no século XX. Por sua vez, a cultura finlandesa se caracteriza por uma relação íntima com a natureza e um forte espírito comunitário. A música folclórica, com instrumentos tradicionais como o kantele, é essencial para a identidade dos finlandeses, enquanto o design escandinavo, marcado pela estética minimalista e funcional, ganha notoriedade no cenário global", comenta o curador.

Os artistas brasileiros que participam da coletiva são Antônia Célia, Beth Melro, Claudio Lobato, Claudia Sperb, Daniela Rodrigues, Daniele Bloris, Jadyza, Denilce Meirelles, Edina de Azevedo, Gloria Conforto, Hanne Graice Hansel, Juliana Hamdan, Kamila Hinselmann, Lila Hamdan, Marcelo Cortes, Marcos Felix, Maria Lúcia Montemór, Marlene Blois, Pedro Prandini, Solange Greco, Thiago Prado. Os finlandeses são Hannele Haatainen, Kirsi Pylvänäinen, Maj-Lis Tanner, Nonna-Nina Mäki, Päivyt Niemeläinen, Paula Mikkilä, Pirjo Hassinen, Raija Kuisma, Sirpa Heikkinen, Ulla Remes. Completa a relação o espanhol residente no Brasil, Manuel Juan.

SERVIÇO

DIVERSAS EXPRESSÕES

Ava Galleria Rio (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28 - Santo Cristo)

Até 8/3, de quarta a sábado (12h às 18h) | Entrada franca

nav

**Tecnologia e calor humano.
Têm que estar sempre juntos.**

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.
Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.
Síndicos felizes recomendam.
Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL
ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.